



VOZ DA FÁTIMA

«A paz também depende de ti», assim nos recordou o Santo Padre, a propósito do Dia Mundial da Paz, ocorrido no passado dia 1. Fixemos bem este pensamento de Paulo VI e tiremos as necessárias conclusões, para que, invocando diariamente a Rainha da Paz, façamos ao mesmo tempo todos os esforços para nos reconciliarmos com Deus e com os nossos irmãos, sem o que não será possível a verdadeira paz no Mundo.

Director: Padre Joaquim Domingues Gaspar
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria»

ANO LII N.º 616
13 DE JANEIRO DE 1974
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

PROBLEMAS DO SANTUÁRIO

Tudo é fácil e difícil nas grandes peregrinações

JAL como a grande parte dos lugares, instituições e pessoas que os ideais do Ano Santo vão penetrando, o Santuário de Fátima preocupa-se com a RENOVACÃO. Não exageramos nada, aliás, se dissermos que a renovação é a razão de ser carismática deste lugar sagrado: vindo à Cova da Iria para preparar os caminhos da paz para o mundo de HOJE (está visto, pela explosão de Fátima), Nossa Senhora trouxe-nos, do Céu, um grande apelo à novidade de vida, que vem a basear-se na renovação do coração: «Não ofendam mais a Nosso Senhor, que já está muito ofendido».

Para que o Santuário se renove, será necessário encontrar formas novas de oração, de penitência e de devoção ao Coração Imaculado de Maria — já que são estas as três grandes molas da renovação, recomendadas por Nossa Senhora. Quem diz formas novas, dirá, talvez melhor, espírito novo, motivações novas, segundo aquela palavra do Senhor: «Não quiseste sacrifícios e oferendas, holocaustos e imolações pelos pecados; por isso digo: «Eis-me aqui, para fazer a Tua vontade!»

Teoricamente, esta é a preocupação de todos nós: fazer a vontade do Senhor — e não a nossa — neste lugar sagrado de Fátima e na contínua renovação a que ele nos convida. Praticamente, porém, nós, os que trabalhamos no Santuário, temos de confessar que nenhum dos muitos caminhos que nos seriam fáceis parece de aceitar. Só nos ficam, portanto, os caminhos difíceis, laboriosos, instáveis.

Confiemos que Nossa Senhora — por ser dela a iniciativa da criação deste lugar e por a graça que aqui nos trouxe ser uma graça de renovação — tomará a peito ir acompanhando tudo o que aqui se faz, enquanto achar por bem que esta «fonte» mantenha o prodigioso caudal que todos temos sentido.

Mas nós achamos também que temos de acompanhar a iniciativa divina. Por isso nos interrogamos «como?»

Não bastando a oração e a reflexão pessoais, vamos recorrendo às achegas que nos vêm de vários lados.

Em primeiro lugar, dos que nos escrevem. Recebemos anualmente

umas boas dezenas de cartas, assinadas ou anónimas, mais ou menos longas, uma ou outra colectiva, comentando a pastoral de Fátima, em geral, ou as peregrinações em particular. Pela resposta que lhes damos, todos ficam a saber que os lemos. Posso dizer-lhes aqui que os lemos com cuidado.

Lemos com mais cuidado ainda o que se escreve nos jornais. Escreve-se muito mais positivo do que negativo. Como sabemos, porém, que, em tempos de transição, o que se diz «contra» vem sobretudo das gerações novas — a quem cabe mais preparar o futuro — não se estranhará que demos a esses uma atenção especial. Aliás, aqui em Fátima nem se pode dizer que são as gerações novas quem escreve e diz mais «contra». Aparecem-nos de vez em quando umas críticas cerradas de alguns mais velhos que dão para baixo com a violência dos grandes marteladores de hereges. E enquanto os novos se contentam às vezes com umas tantas interrogações, mais ou menos angustiadas, estes senhores mais velhos não sofrem nem de angústia nem de incerteza.

A nossa preocupação é ouvir de um lado e doutro. Mas ouvimos melhor quem, tateando como nós, pergunta mais do que responde.

Além de lermos, estamos atentos ao que as pessoas, peregrinos ou não, nos dizem, e tentamos mesmo chamar os que nos parecem mais capazes e interessados, para que nos ajudem na solução das muitas interrogações que se nos põem. O resultado destas consultas tem sido muito positivo, e por isso tentaremos explorar esta via, apesar das dificuldades práticas de congregar pessoas de ocupações e lugares distantes.

Chegados quase ao fim deste pequeno artigo, os leitores ter-se-ão talvez interrogado sobre a razão do seu título: «Tudo é fácil e difícil nas grandes peregrinações».

O que dissemos até aqui provaria que tudo é difícil. Mas também se

compreende que tudo seria fácil, se nos contentássemos com «montar» uma peregrinação segundo o gosto mais ou menos particular de qualquer dos muitos grupos de peregrinos que afluem ao Santuário nas grandes peregrinações do Verão. Tudo seria fácil, se chamássemos uma paróquia, um professor de Pastoral, um grupo sacerdotal de reflexão, uma comunidade missionária — tantos mais que poderíamos chamar! — e lhes pedíssemos que organizassem, de princípio ao fim, todos os actos de uma grande peregrinação, criando o modelo que achassem melhor.

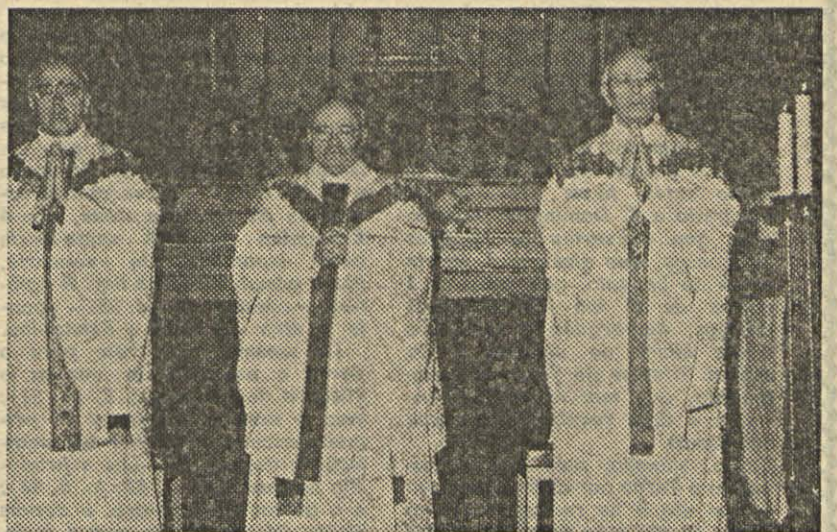
Tudo seria fácil para o Santuário. Tudo seria difícil, para a maioria dos peregrinos. E dar-nos-íamos en-

tão conta de duas grandes realidades: todos olhamos para Fátima com o desejo de a vermos à nossa imagem e semelhança e, por outro lado, todos esperamos de lá alguma coisa que seja diferente das nossas carências e dos nossos defeitos. Por outras palavras, queremos que Fátima seja igual a nós para nos não chocar, nem na nossa fé nem nos nossos hábitos de culto; queremos que Fátima seja diferente de nós para que, pela contribuição dos irmãos de todos os matizes que lá se reúnem conosco, o nosso coração inquieto volte mais cheio de fraternidade, de universalidade, e mais RENOVADO na sua interioridade.

Tudo seria fácil, mas tudo tem de ser difícil num santuário como Fátima. Nossa Senhora nos ajude a fazermos do lugar que Ela escolheu um pequeno «céu» de toda a variada comunidade cristã.

Continuaremos.

P. LUCIANO GUERRA
Reitor do Santuário



FÁTIMA, 13 DE NOVEMBRO DE 1973 — A peregrinação do mês de Novembro, já dentro do espírito do Ano Santo, foi presidida por Sua Excelência Reverendíssima o Bispo de Portalegre e Castelo Branco, D. Agostinho de Moura, que se vê na gravura, ao centro, durante a concelebração a que presidiu também, ladeado pelos Srs. Bispos D. Alberto Cosme do Amaral e D. João Pereira Venâncio, respectivamente residencial e resignatário da diocese de Leiria.

A FÁTIMA NO MUNDO

ANGOLA

Duma carta dirigida ao Reitor do Santuário, extraímos a seguinte passagem: Macocola é uma pequena povoação

duma vintena de casas. É distante desta Missão 45 km. É um sacrifício que fazemos em irmos todos os domingos a rezar Missa, enquanto nas outras povoações apenas vamos uma vez por mês. É que aquela gentinha tem demonstrado sempre um particular interesse em praticar a Religião.

De facto, tudo corre a ouvir a Missa.

Com um esforço de todos conseguiram construir uma igreja definitiva em honra de Nossa Senhora da Fátima e já compraram uma grande imagem bonita, embora de gesso.

P.º Augusto Riana

PARA A IGREJA E PARA A HUMANIDADE INTEIRA, ESPECIALMENTE PARA OS NOSSOS ASSINANTES, LEITORES E AMIGOS, DESEJAMOS UM NOVO ANO DE PAZ E DE BÊNÇÃOS DE DEUS. BOAS-FESTAS.

Vida do Santuário

NOVEMBRO

CONSELHO PRESBITERAL DA DIOCESE DE LEIRIA

Sob a presidência do Sr. Dom Alberto Cosme do Amaral, reuniu-se no Santuário, no dia 26, o Conselho Presbiteral de Leiria, durante o qual foram analisados diversos assuntos de ordem pastoral para a vida da diocese.

CARDEAL TABERA

A convite do Secretariado da Conferência Nacional dos Institutos Religiosos do país, veio a Portugal o Cardeal Artur Tabera, designado para presidir ao Sagramo Dicastério responsável pelo sector da vida religiosa na Igreja.

Depois de ter estado alguns dias em Lisboa, chegou a Fátima no dia 26 e reuniu-se imediatamente com mais de 300 membros das ordens e congregações religiosas de todo o país, que aqui vieram tomar parte na Semana de Mentalização Teológica para religiosas e religiosos, orientada pelo P.º Severino Afonso, da Congregação dos Padres do Coração de Maria, de Madrid. O Cardeal Tabera falou em duas sessões, presidiu à celebração de mais de 100 religiosos e fez uma alocução sobre o significado da vida religiosa na Igreja.

O Senhor Bispo de Leiria cumprimentou o Em.º Cardeal e assistiu a parte das conferências.

ENCONTRO NACIONAL DOS RESPONSÁVEIS DA PASTORAL DOS CIGANOS

Efectuaram-se, nos dias 23, 24 e 25, as jornadas de estudo da pastoral dos nómadas com a presença dos responsáveis, nos planos nacional e diocesano, pela formação espiritual e formação humana dos ciganos.

Presidiu às sessões de estudo (conferências, trabalhos de grupo, convívios, etc.) o P.º Filipe Marques de Figueiredo, director nacional, e estiveram presentes os vários membros da comissão nacional e os assistentes e dirigentes das comissões diocesanas.

O Sr. D. António dos Reis Rodrigues, presidente da Comissão Episcopal das Migrações, esteve presente nalgumas das conferências e presidiu à concelebração, dirigindo a palavra de orientação pastoral.

Foram tratados assuntos respeitantes à pastoral, formação profissional e emprego, escolaridade, habitação, e ainda feita a revisão da peregrinação nacional «Caravana».

No último dia realizou-se o plenário com a leitura das conclusões.

DEZEMBRO

FESTA DA FAMÍLIA DOS SERVIDORES DO SANTUÁRIO

Os servidores do Santuário de Nossa Senhora — reitor, capelães, religiosas, empregados da secretaria e d'outras secções, operários e empregadas domésticas — reu-

niram-se numa significativa festa de confraternização do Natal.

Participaram todos na missa celebrada na Basilica pelo Padre Manuel Craveiro. A missa foi solenizada com cânticos dirigidos pelo reitor, Rev. Dr. Luciano Paulo Guerra, que no fim teve palavras de sauda-

ção para todos os que prestam serviço neste Santuário. Os servidores encontravam-se acompanhados de suas famílias.

Depois da missa, efectuou-se uma confraternização presidida pelo senhor reitor, durante a qual foram distribuídas lembranças de Natal. — S. I. S.

Serviço Nacional de Doentes

A doença serve também para enriquecimento da pessoa.

Estás em condições de poder oferecer alguma coisa a Alguém! Desempenha bem este maravilhoso mister de doador, sem nada esbanjar. Sê um semeador de coragem e serenidade.

Se sabemos sofrer com os olhos postos em Jesus, com o coração inteiramente posto nas Suas mãos, que estranho, que íntimo conforto, consolação e valor, não sentimos dentro de nós! E acaso nos separa d'Ele o sofrimento que Ele permite nos invada, por vezes tão inteiramente que apenas a parte superior da alma está em paz... pois tudo o mais é perturbação e trevas?!

Ah! não! É tão bom sofrer por Jesus! É pesada a nossa cruz. Mas se O contemplamos a Ele na Sua, não só com os olhos postos nela, mas com toda a alma, pesa-nos muito menos a cruz do sofrimento.

Falemos com Ele. Conversemos sobre as nossas dores e sacrifícios. Imaginemos assim de olhos fechados, como que a olhar para o nosso interior, que temos a nossa cabeça sobre o Seu Coração, misericordiosíssimo e louco de amor por nós, pois o que é a Eucaristia senão uma loucura de amor divino?...

Há pouco, um jovem de 24 ou 25 anos, internado num hospital há 6 anos, submetido a 8 intervenções cirúrgicas, quando lhe perguntei: sofre muito? respondeu: «Ainda não sei o que é sofrer! De mim não tenho nada, nem o sofrimento porque está tudo nas mãos de Deus».

O sofrimento unido ao amor é o caminho da vida eterna.

MARIA DE NORONHA

O TERÇO que a Senhora pediu

Todas as vezes que aparece em Fátima, Nossa Senhora recomendou — e Ela bem sabe as razões por que tanto insistiu — que rezássemos o Terço todos os dias. Nessa recomendação está praticamente implicada toda a Mensagem de Fátima.

Mas, atenção! Trata-se do Terço daquele Rosário que a Senhora, já muito antes, havia ensinado ou inspirado a S. Domingos: Rosário esse que converteu os hereges albigenses, que alcançou a vitória cristã de Lepanto, que manteve a chama da fé em muitos meios cristãos, que ergueu à santidade tantas almas de simples e de sábios. Trata-se do Terço bem entendido, que tem raízes no Evangelho e dele recebe toda a sua substância.

Sim, atenção, pois muitos deixaram o Terço por desconhecerem o que ele é na realidade (como quem só viu num terço de contos o pó e verdete a encobrir o metal precioso); e daqueles que ainda o rezam, muitos reduzem-no a uma simples oração vocal, ou consideram-no apenas uma repetição de pedidos, ou talvez até um piedoso passatempo, ou, quando muito, uma boa devoção que acaba em Nossa Senhora. Veremos que o Terço autêntico é mais do que tudo isso.

O QUE É O TERÇO

O Terço é uma oração mental e vocal, que contempla e celebra com louvores e súplicas o Mistério da Salvação, se dirige ao Pai celeste por intermédio de Jesus e Maria, e se destina a dar frutos na vida prática, para glória de Deus e salvação do mundo.

Esta definição será explanada, se Deus quiser, em futuros artigos. Por agora, para vislumbrarmos desde já a excelência desta devoção, lancemos uma vista de olhos

sobre a fonte bíblica do Terço, sobre o seu objecto e o seu objectivo.

O que imprime ao Terço a maior autoridade é ser o Evangelho a sua primeira fonte, pura e riquíssima, donde lhe vêm todos os elementos — os Mistérios que se meditam e as orações que se rezam. Os Mistérios da Assunção e da Coroação — esses vêm directamente da Tradição cristã, que é Evangelho oral. A santa-maria brota espontânea da ave-maria, como o fruto nasce da flor. A «glória» — resumo de Jd. 25 — aponta o alvo de todo o Evangelho.

Da mesma fonte vem para o Terço o exemplo de meditar o Mistério de Cristo (Lc. 2, 19; 51); vem o método rosariano de primeiro escutar o Senhor na meditação e depois falar-Lhe a propósito na reza (Lc. 11, 27; Jo. 6, 34); e o de louvar primeiro, e depois pedir (Mt. 6, 9-13); vem a insistência na oração (Lc. 18, 1-8); a mediação de Jesus e Maria (Jo. 14, 6; 19, 25-27); o frutificar na vida prática (Lc. 11, 27-28); para glória de Deus e salvação dos homens (Lc. 2, 14; Jo. 17, 4); sobretudo o Mistério da Salvação, que é a medula do Evangelho e a coluna vertebral do Terço, e que agora passamos a expor.

O SEU OBJECTO

A preciosa realidade que, no Terço, contemplamos e celebramos e desejamos aproveitar é o Mistério da Salvação ou de Cristo Salvador.

Para realizar esse mistério de amor, Deus enviou ao mundo o seu Filho único (Jo. 3, 17). O Filho de Deus começou por fazer-Se irmão nosso incarnando e nascendo da Virgem Maria. Passou a vida fazendo o bem, ensinando pela palavra e o exemplo o caminho de Deus. Depois, para expiar

os pecados do mundo e nos libertar, sofreu até à morte a injustiça dos homens. Ao 3.º dia, porém, ressuscitou glorioso, triunfando assim da morte e do pecado em nome de toda a Humanidade; por fim, subiu ao Céu, onde está sentado à direita do eterno Pai, sempre a interceder por nós (Rom. 8, 34; Heb. 7, 25). O Mistério da Salvação, instituído por Deus, foi assim realizado por Cristo nas 3 fases da Sua vida, do Seu sofrimento e da Sua glória.

Mas, como pôde Jesus conseguir a nossa salvação? Sendo Ele Deus infinito, todos os Seus pensamentos, palavras, obras e sofrimentos têm valor infinito — bastante para pagar ao Pai celeste todas as dívidas humanas: o seu triunfo glorioso é disso a prova. Ora, em todos os momentos da Sua vida, do Seu sofrimento e do Seu triunfo, Ele teve sempre em mente dar infinita glória ao eterno Pai em nome da Humanidade: era essa glória que nós devíamos a Deus e Lhe tínhamos recusado pelo pecado. O Salvador, pagando assim a nossa dívida, libertou-nos do pecado, e assim nos salvou.

Essa obra é toda de Jesus; mas, para a realizar, Ele quis a colaboração de sua bendita Mãe, até para exemplo da nossa colaboração. Por isso, a Virgem-Mãe esteve sempre unida à intenção do divino Filho: desde que Lhe deu o ser até que O ofereceu ao eterno Pai no Calvário, e desde que sofreu com Ele até reinar com Ele na glória eterna. Mãe e Filho são inseparáveis no Mistério da Salvação.

Esse Mistério sublime, que meditamos por partes e celebramos no Terço, é a maior maravilha e o maior dom que Deus concedeu aos homens por intermédio de Jesus e Maria. Sumo do Evangelho, ele é o tesouro escondido no Terço e o seu precioso objecto.

O SEU OBJECTIVO OU INTENÇÃO

O que é, afinal, «rezar o Terço»? Qual é a intenção fundamental que aí devemos ter? Qual é o objectivo próprio do Terço? Que tem ele em vista ao propor-nos o seu precioso objecto?

O Terço quer levar-nos a participar conscientemente, pela oração e pela acção, nesse tesouro. E participamos de facto: 1.º, contemplando (na meditação) o Mistério sublime, para melhor conhecermos e apreciarmos tão precioso dom; 2.º, celebrando-o (na reza), isto é, agradecendo-o com louvores e pedindo a graça desse Mistério; 3.º, levando-o como norma para a nossa vida cristã. Meditar, rezar, imitar — são os três exercícios a que o Terço nos convida, visando o Mistério da Salvação. É o que esperamos desenvolver noutros artigos.

A intenção do Terço pode incluir todas as boas intenções particulares; mas a principal, que devemos ter acima de tudo, é louvar ao Pai celeste, a Jesus e a Maria, em agradecimento pelo Mistério da Salvação, e pedir a graça desse Mistério para santificação nossa e salvação do mundo, — para a paz do mundo.

Enfim, a suprema intenção do Terço é a mesma de todo o Evangelho, a mesma que tiveram Jesus e Maria ao realizarem o Mistério da Salvação: dar glória a Deus mediante a salvação dos homens (v. Lc. 2, 14; Jo. 17, 4).

Em suma: «rezar o Terço» (como deve ser) é celebrar a maior maravilha e o maior dom do Senhor; óptimo auxiliar da Liturgia, é a mais excelente oração, depois da santa Missa, simples e apta a obter-nos os maiores benefícios espirituais e corporais e a encaminhar-nos seguramente, pela mão da Mãe, através de Cristo, para o Pai celeste.

(Continua)

P. O.

A «Voz da Fátima» há 50 anos...

No n.º 16, de 13 de Janeiro de 1924, a «Voz da Fátima» transcrevia um artigo, que fora publicado no n.º 109, de Novembro de 1922, na revista da capital «Raio de Luz». Por nos parecer que, mesmo a esta distância, continua a ter actualidade e interesse, aqui o reproduzimos na íntegra.

FÁTIMA

Primeiro que tudo declaro que em tudo o que vou escrever não quero de modo nenhum antecipar o julgamento da Santa Igreja sobre o que dizem ter-se passado em Fátima.

Nisto como em tudo o mais, submeto-me completamente e com todo o coração às decisões da Santa Igreja, única mestra das nossas inteligências e das nossas almas.

Não venho contar aqui o que já é conhecido de todo Portugal, mas somente relatar as minhas humildes impressões sobre o que vi em Fátima no dia 13 de Outubro passado. Nunca em Portugal se vira espectáculo de fé e de piedade tão comovedor, nunca me sentira num ambiente tão sobrenatural, como o que vi e senti nesse dia em Fátima. Como os nossos corações se vão afeiçoando a esse sítio outrora completamente desconhecido e que hoje, já no íntimo da nossa alma, chamamos baixinho a Lurdes Portuguesa.

Portugal sempre tem sido filho dilecto de Nossa Senhora, e tem timbrado em Lhe dar as provas mais ternas do seu amor filial. E Maria Santíssima tem sempre protegido com carinho maternal o povo que desde o seu berço A escolhera por Padroeira e que primeiro que todos teve um culto entusiasta pela Sua mais querida prerrogativa, a Sua Imaculada Conceição. A doce Padroeira de Portugal tem vindo sempre em nosso auxílio nos transe mais aflitivos da nossa história, e a Sua poderosíssima intercessão tem desviado de nós tantas e tantas vezes o braço da Divina Justiça pronto a castigar-nos.

Portugal ultimamente tem acumulado crimes sobre crimes, esqueceu o Deus que o fizera grande, e baniu-O das suas leis, das suas escolas e das suas famílias. A ira do Senhor caiu sobre nós e o duro castigo nos tem mostrado que a Justiça de Deus não dorme.

Mas no meio da nossa noite tenebrosa, uma Aurora suavíssima raiou.

Essa Aurora radiosa e bela raiou em terra sagrada entre todas, na terra sagrada da pátria.

Foi perto de Aljubarrota, de Alcobça, da Batalha; foi no condado de Ourém, pertencente à mais bela e pura encarnação do herói de Portugal, D. Nuno Álvares Pereira, aquele que hoje a Santa Igreja nos manda invocar como o Beato Nuno de Santa Maria. Foi nesse torrão abençoado que três humildes pastorinhos dizem que desceu a Virgem Santíssima para mais uma vez nos mostrar o seu Amor Maternal.

E Portugal acorreu pressuroso ao chamamento da sua Imaculada Padroeira, e no dia 13 de Outubro eu vi na freguesia de Fátima a multidão comprimir-se num recinto pequeno demais para tanta gente acorrida de todo o país. Desde a véspera que trinta padres reconciliavam com Deus almas que lhes vinham pedir a santa absolvição, e essas almas, formando círculo à roda do sacerdote que levava o Santo Cibório, ajoelhavam naquela manhã, para receberem a Jesus Sacramento. E dali a pouco já nem assim se conseguia dar a Comunhão. O sacerdote já atravessava simplesmente pelo meio dos fiéis, que nem ajoelhar podiam, e mesmo de pé recebiam a Jesus, que tantas delícias encontra nas nossas pobres e miseráveis almas.

E na missa campal na Cova da Iria no lugar mesmo onde dizem ter sido a Aparição, debaixo duma chuva contínua, a Comunhão durou meia hora, ao som do nosso tão católico e tão português *Bendito*. E com que fé, com que respeito, com que fervor os fiéis, ricos e pobres, mulheres e homens, iam receber a Divina Eucaristia.

Oh! Mãe de Deus e Mãe nossa, não fostes Vós quem nos destes Jesus pela primeira vez, em Belém, a casa do Pão? Não sois Vós sempre quem nas nossas Comunhões, nos dais a Jesus, o Pão da Vida?

Não é esse o Vosso único desejo, dar-nos Jesus, para sermos todos d'Ele? Portugal andava há muito longe da mesa eucarística, e padecia de fome. Vós viestes e levaste-lo Àquele que é o alimento divino dos indivíduos e da sociedade.

E vede, Mãe da Divina Misericórdia, com que fé e amor Portugal respondeu ao Vosso convite! Vede como se ora em Fátima!

O Vosso Rosário era rezado por todos os grupos, e que de milhares de Ave-Marias ali se devem ter rezado naquele dia! Elas subiam das nossas almas para o Coração Imaculado de Maria; todos Lhe confiavam as suas dores e as suas esperanças, e, qual Mãe carinhosa, a todos ouvia, a todos confortava, a todos abençoava.

Todos queriam tocar e beijar a linda Imagem da Virgem, e vi lá uma cena comovedora; uma criancinha ao colo do pai, enchendo de beijos e de carícias a Nossa Senhora, dizendo-lhe o feliz pai:

«Tens razão, filha, foi Ela que te curou.»

Santa inocência, que tens todos os privilégios diante de Deus! Resplandecias nessa criancinha do povo, como noutra, filha de titulares, essa, ainda doentinha, nos braços da mãe, que orava como as mães cristãs sabem orar, abria a boquinha inocente e bebia água da chuva.

Tinham-lhe dito que a de Nossa Senhora a havia de curar, e ela naturalmente pensava que a que vinha do céu era com certeza água que Maria lhe enviava!

Como esta simplicidade deve agradar a Nossa Senhora! Como Lhe devem ter agradado as

ingénuas promessas, ofertas de corações gratos às Suas graças! Eu bem sei que em Portugal se abusa um pouco das promessas e que alguns nisso fazem consistir a sua única religião.

Mas estas eram as promessas saídas do coração simples do povo. Davam à Virgem o que tinham: lá estavam amontoadas diante da sua Imagem aquelas promessas tão portuguesas: o ouro, que enfeita as nossas lindas mulheres, as arrecadas, os cordões, os anéis! E ao lado as ofertas mais modestas, bolos e até um prato de uvas, as nossas tão belas uvas!

Outras mulheres do povo quiseram unir a penitência às suas preces e, pacientes na sua fé, percorriam de joelhos o caminho à roda da capela que mãos sacrílegas destruíram, sem se importarem nem da chuva, nem das pedras, nem dos outros fiéis que quase as pisavam. Eram bem as descendentes dos antigos portugueses, raça de crentes e de fortes, que oravam e sofriam.

E foi Nossa Senhora que nos veio recomendar em Fátima a oração e a penitência. Ela assim o pediu aos pastorinhos da Cova da Iria, e nós queremos ser fiéis ao Seu ensinamento.

Sim, nós Vo-lo prometemos, ó Virgem do Santíssimo Rosário, nós vamos rezar com fervor, com devoção a oração que os Vossos lábios puríssimos nos pediram: o Terço. Nós os Portugueses que tanto gostamos de enfeitar os Vossos altares com as rosas lindas dos nossos jardins, queremos ainda coroar-Vos com as rosas espirituais do Vosso Rosário. O Rosário é devoção mais simples e profunda que podemos usar, unido nela a oração vocal e a oração mental; rezemo-lo pois com fervor.

Mas também Vos prometemos, ó Refúgio dos pecadores, que não esqueceremos a penitência. Todos pecamos, todos ofendemos o Vosso Divino Filho. Temos que expiar por nós e pelos nossos irmãos.

Em desagravo de tantos pecados que se cometem contra o Coração Santíssimo do Vosso Divino Filho, nós oferecemos o sacrifício e a mortificação. Queremos levar uma vida cristã a valer, uma vida casta, modesta e humilde, em oposição ao paganismo que por aí campeia e tenta corromper a nossa raça.

E então nós seremos de novo o povo querido de Jesus e de Maria, a terra do Santíssimo Sacramento, e terra de Santa Maria!

M. C. P.

Migalhas para digerir...

A CABEÇA DO PEIXE

No dia seguinte ao casamento, a jovem esposa pôs na mesa um belo peixe. Ao parti-lo, o marido ia servir-se da cabeça. «Não — disse ela — ; deixa-a para mim; gosto muito da cabeça do peixe!» Passaram os anos e, cada vez que havia peixe, o pai queria que se respeitasse o gosto e o capricho da mãe. Já velhinhos os pais e crescidos os filhos, soube-se por uma irmã da mãe que o que ela gostava menos do peixe era precisamente a cabeça.

Eis um exemplo dos pequenos heroísmos diários que cimentam a paz das famílias.

SOPA TODOS OS DIAS

Uns recém-casados começaram a comer sopa todos os dias à noite: — «Gostas de sopa?», perguntou ela. «E tu?», disse ele. «Eu gosto». E assim ficaram as coisas: sopa todas as noites. Passados trinta anos, um dia, casualmente, a criada não fez sopa. Comentaram a coisa marido e mulher: «Não é que eu goste de sopa, mas como-a para te acompanhar», disse ele. «Pois eu não gosto mes-

mo nada, mas comi-a sempre pensando que tu gostavas!», comentou ela.

Aquele casal tinha sido e foi sempre um casal feliz.

O QUE DÁ AGILIDADE

Celebrava-se em Viena uma reunião entre as personalidades da cidade. Assistiu também o célebre compositor Haydn, já velhote. Um dos convidados perguntou-lhe, a certa altura, qual era o segredo para poder trabalhar sem desfalecimento depois duma vida tão laboriosa como a sua.

«Uso um remédio infalível — respondeu — , e, quando me sinto fatigado, devolve-me o vigor. Gostava de saber se algum dos presentes adivinha qual é o remédio...»

Uns disseram que era o vinho, outros que o uso prudente dos banhos, outros isto, outros aquilo... Ninguém acertava. Por fim, ele disse:

«Em minha casa tenho um pequeno oratório, e, quando me sinto abatido, dirijo-me lá, prostro-me diante do crucifixo e rezo. E, depois da oração, sinto-me sempre ágil para voltar ao trabalho.»

O Anjo e a Oração

A fim de preparar os caminhos do Senhor e dispor as almas para a vinda do Messias, suscitou Deus o austero e humilde João Baptista com o «espírito e poder de Elias» (Lc. 1, 17).

Também a Santíssima Virgem, antes de descer à terra bendita da Fátima, enviou um Precursor a preparar com as suas visitas as crianças que tinha escolhido para seus humildes confidentes. Foi incumbido de tão alta missão um Anjo, mensageiro do Altíssimo.

Que pede, que recomenda Ele? Na primeira visita, oração; na segunda, oração e sacrifício; e, na terceira, oração e Sagrada Eucaristia.

Ao relatar a primeira aparição, escreve a Lúcia:

«Ao chegar junto de nós, disse: Não temais. Sou o Anjo da paz. Orai comigo.

E, ajoelhando em terra, curvou a fronte até ao chão. Levados por um movimento sobrenatural, imitámo-lo e repetimos as palavras que lhe ouvimos pronunciar:

— *Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam.*

Depois de repetir isto três vezes, ergueu-se e disse:

— *Orai assim. Os Corações de Jesus e de Maria estão atentos à voz das vossas súplicas».*

Qual o significado desta angélica mensagem?

O mundo vivia atormentado pela catástrofe da guerra mundial. O anjo da Paz manda fazer aos pastorinhos aquilo que mais pode contribuir para a cessação da guerra e o advento da paz: orar, fazer actos das virtudes teologais e fundamentais da religião: fé (com adoração, sua consequência), esperança e caridade. Com sentido reparador hão-de pedir a Deus perdão, para os que, esquecidos d'Ele, O ofendem com seus pecados. Previne ainda o mensageiro celeste os seus humildes confidentes de que os Corações de Jesus e Maria, como mediadores junto da Santíssima Trindade, atendem e esperam as suas orações.

Continuam Eles a esperar também em nossos dias as súplicas dos homens seus filhos, que actualmente parecem ter perdido o espírito de oração, como recentemente lembrou o Santo Padre.

A segunda aparição deu-se no quintal da família da Lúcia. O Anjo, como que repreendendo suavemente os pastorinhos, entretidos na brincadeira, diz-lhes:

— *«Que fazeis? Orai! Orai muito! Os Corações de Jesus e de Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrificios».*

Ao contrário do mundo actual que diz que devemos trabalhar e gozar o mais possível e rezar pouco, o Anjo manda orar *muito* (reparemos neste advérbio de quanti-

dade) e oferecer *constantemente* (fixemo-nos na força desta palavra) «orações». Ou o Anjo se engana ou o mundo erra. Como o Anjo não se engana, o mundo está certamente no erro.

A terceira aparição, que se desenrolou no local da primeira, é toda ela envolvida em oração.

O Mensageiro celeste traz aos Pastorinhos a Sagrada Eucaristia e, antes e depois de lha dar, repete seis vezes um acto de desagravo de profundo conteúdo teológico. Por meio da oração faz com eles a preparação e acção de graças da Sagrada Comunhão.

Que dizer dos que tão levianamente se aproximam do Sagrado Banquete sem talvez qualquer oração nem antes, nem depois? Aprendam com o Anjo a devoção e respeito com que se deve tratar tão grande Sacramento.

Os Pastorinhos cumpriram fielmente a mensagem do Anjo rezando «muito» e «oferecendo constantemente ao Altíssimo orações». A eles se poderiam aplicar as palavras de Tomás de Celano acerca de São Francisco de Assis: as suas vidas eram uma oração viva.

Oxalá também nós, como eles, escutemos e cumpramos as recomendações do Anjo da Guarda da nossa Pátria.

P.º Fernando Leite

FÁTIMA, nossa Esperança

*Fátima, terra sagrada!
Terra de Paz e de Amor
Pela Virgem visitada,
Terra de Nosso Senhor!*

*Terra de Paz e de Luz,
Terra de Amor e perdão!
Foi lá que a Mãe de Jesus
Nos veio pedir oração.*

*Refúgio do pecador,
Que, em humilde contrição,
Encontra remédio à dor.
És terra de Promissão!*

*Altar-mor do mundo inteiro,
Que ali vai em penitência,
Num apelo derradeiro,
Pedir à Virgem clemência.*

*Fátima! Terra bendita
Onde perdão sempre alcança
Uma pobre alma contrita.
Fátima, nossa esperança!*

Maria da Graça Lobo

O Cristianismo não é, na verdade, uma lei de sacrifício, senão porque o sacrifício é lei da vida.

CARDEAL CEREJEIRA

Faleceu o Padre Giovanni Lerário, autor de pinturas expostas no Santuário

O Ministro provincial dos Frades Menores Conventuais de Pescara comunicou ao Santuário que falecera no hospital civil daquela cidade italiana, no dia 10 de Novembro, o Padre Giovanni Lerário, membro ilustre daquela congregação.

O padre Lerário, como nos disse o seu superior, era não só um artista de Deus mas sobretudo um sacerdote exemplar e um franciscano sincero. Durante toda a sua vida, deu alto testemunho de fidelidade a Deus, de devoção à Igreja e de amor à sua Ordem.

Nascido em Roma em 1913, entrou no noviciado em Assis e ordenou-se sacerdote em 1936. Em 1945 foi enviado para a Comunidade de Santo António de Pescara, onde foi eleito membro da comissão de arte sacra da diocese de Penne-Pescara.

Artista de grandes predicados revelados ao longo dos seus estudos e da sua vida de religioso conventual, o Padre Lerário realizou a decoração da igreja de Pescara. Em 1955, por ocasião do 7.º centenário da basílica de S. Francisco de Assis participou num concurso nacional para desenhos de selos comemorativos deste aconteci-

mento, tendo obtido o primeiro prémio: os selos que ele desenhou foram tidos como os mais belos selos italianos.

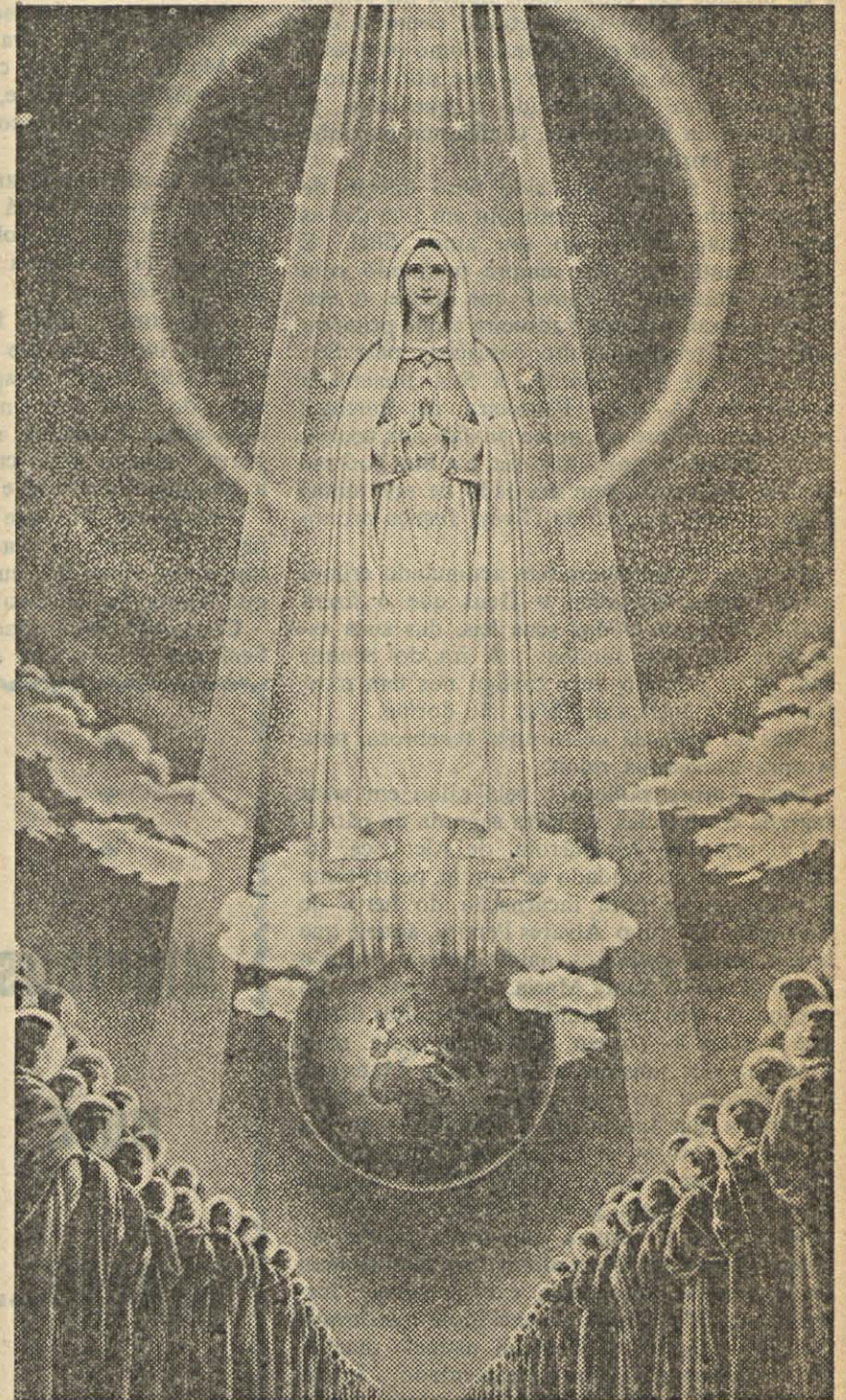
Em 1965 reproduziu na ábside da igreja de Santo António da cidade inglesa de Liverpool a cena do II Concílio do Vaticano.

Os frades conventuais pensaram ter uma casa na Fátima e foi através do sacerdote encarregado da instalação desta casa que o reitor dessa altura, Mons. Borges, tomou contacto com o P.º Lerário. Veio à Fátima e no ano de 1964 pintou dois vitrais: um, representando o «milagre do sol» de 13 de Outubro de 1917, e o outro, representando a coroa de espinhos enlaçada na cruz. Pintou ainda no retábulo da capela do Hospital «Senhora das Dores» (onde se encontram expostos os dois vitrais), um quadro representativo do triunfo do Imaculado Coração de Maria no mundo.

O padre Lerário deixou uma vastíssima obra de pinturas dispersas por numerosas igrejas e galerias privadas na Itália.

Aos leitores da «Voz da Fátima» pedimos uma prece pela alma deste religioso que com a arte cantou as maravilhas de Deus.

F. P. O.



«Triunfo do Imaculado Coração de Maria no Mundo», retábulo da capela do hospital da Senhora das Dores do Santuário da Fátima, bela pintura do Padre Lerário, agora falecido. Outras obras do mesmo autor se podem admirar no Santuário.